

ESTUDOS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA ANTIGA COMPANHIA DE JESUS AO DESENVOLVIMENTO DOS SABERES SOBRE O PSIQUISMO HUMANO NO BRASIL COLONIAL

MARINA MASSIMI
Universidade de São Paulo

Resumo: Este artigo busca refletir sobre a contribuição dos intelectuais jesuítas no desenvolvimento dos saberes sobre o psiquismo humano especificamente à história dos saberes psicológicos. Deve-se destacar a contribuição da Companhia de Jesus à criação de formas, métodos e justificativas de um tipo de conhecimento da subjetividade e do comportamento humanos que darão origem à Psicologia moderna.

Palavras-chave: Jesuítas; História da ciência; Psiquismo humano

Abstract: This article aims to reflect about the jesuit intellectuals in the development of knowledge about human psychism, specially the history of psychological knowledge. We should remark the contribution of Society of Jesus in creating ways, methods and justifications for a kind of knowledge of subjectivity and human behavior that will give birth to Modern Psychology.

Key-words: Jesuits; History of Science; Human Psychism

As mudanças na visão de homem e de psiquismo na cultura ocidental decorrentes dos descobrimentos geográficos do século XVI e a contribuição dos jesuítas

Vários autores (Chaunu, Todorov, Boxer e Randless) apontaram a novidade que acarretou a inserção dos Novos Mundos no universo cultural do Ocidente, inclusive no que diz respeito à formulação do conceito de homem e de sociedade. Com efeito, o reconhecimento das características essenciais que definem o ser humano passa pela consideração de seus traços somáticos, psíquicos e espirituais.

Neste universo, uma função muito significativa no contexto da cultura brasileira foi assumida pela produção intelectual da Companhia de Jesus. Destaca-se, sobretudo, sua contribuição no que diz respeito aos saberes psicológicos, entendidos como o âmbito que se ocupa daqueles aspectos específicos da visão de mundo de uma determinada cultura, relacionados a conceitos e práticas que na atualidade podem ser genericamente entendidos como *psicológicos* e que se constituíram em formas e áreas diversas do conhecimento, anteriormente à consolidação da psicologia científica no século XIX.

É notório que a Companhia de Jesus foi um sujeito cultural de atuação particularmente significativa no contexto do Brasil dos séculos XVI e XVII. A importância de sua contribuição na elaboração do saber e da ciência ocidentais a partir do século XVI tem sido recentemente apontada por vários estudiosos, sendo que a historiografia da ciência e da pedagogia jesuítica constitui-se hoje numa área muito importante de atuação dos historiadores da ciência e da cultura, como documentam entre outros os trabalhos de Luce Giard.¹

Na Europa, a Companhia visava a realizar uma síntese entre a herança do catolicismo medieval e o novo espírito renascentista. No Brasil desde 1549, encarregou-se de “traduzir” as concepções antropológicas e psicológicas da tradição ocidental num método de formação do homem, seja em seu percurso evolutivo da infância até a maturidade por meio da educação,² seja no que diz respeito à aculturação dos povos ameríndios, africanos e orientais por meio do processo de cristianização.

Nesse âmbito, o conhecimento da subjetividade, por um lado, e da dinâmica das relações sociais, por outro, foram instrumentos necessários e num certo sentido privilegiados, sendo que o universo das emoções (ou melhor, das “paixões”, como eram denominadas na época) apresentava-se como terreno propício e fecundo para realizar tal objetivo. Além do mais, tratando-se do Brasil, não podemos desconhecer o fato de que ao longo de pelo menos dois séculos os jesuítas constituíram-se numa presença cultural e social importantíssima, sendo responsáveis pela criação da primeira rede de ensino no país e pela elaboração de numerosas obras culturais visando a integração das culturas indígenas e das culturas européias (conforme documentam, entre outras, as peças teatrais e poéticas de José de Anchieta, bem como o seu compêndio da gramática da língua tupi-guaraní).

No que diz respeito especificamente à história dos saberes psicológicos, deve-se destacar a contribuição da Companhia de Jesus à criação de formas, métodos e justificativas de um tipo de conhecimento da subjetividade e do comportamento humanos que darão origem à Psicologia moderna. Não se trata mais de um saber de natureza puramente filosófica, tendo função exclusivamente especulativa, e sim de uma abordagem aos fenômenos psíquicos que objetiva o entendimento e o controle em função das exigências da vida individual e social. Práticas tais como a direção espiritual, ou o exame de consciência, construídas e utilizadas sistematicamente pelos jesuítas em seus colégios, podem ser consideradas ferramentas fundamentais no processo de elaboração daquele tipo de competência, que será posteriormente chamada de psicoterapia.

Relato de um percurso

Gostaria de relatar a seguir o percurso que, ao longo de vários anos, nos levou a realizar várias incursões no âmbito do saber da Companhia em busca de pistas para a reconstrução da história dos saberes psicológicos, inclusive na cultura brasileira.

Um levantamento documental realizado no ano de 1991, sobre a *“História das Idéias Psicológicas na cultura luso-brasileira dos séculos XVI e XVII”*, em acervos de Portugal, da Itália e da Espanha, proporcionou

um primeiro conhecimento das fontes concernentes a estas temáticas produzidas no âmbito da Companhia de Jesus e preservadas no Arquivo e Biblioteca da Cúria Geral da Companhia, em Roma. Nessa ocasião, tivemos o primeiro contato direto com o Arquivo da Cúria Geral da Companhia de Jesus, sem dúvida um dos acervos mais ricos e completos de fontes sobre a história do Brasil quinhentista. Podemos manusear a coleção completa das cartas manuscritas anuais e quadrimestrais redigidas pelos Padres e Irmãos residentes nas diversas Capitanias da Terra de Santa Cruz a partir do ano de 1549, data da chegada dos padres missionários.

Nestas cartas são relatados os acontecimentos mais importantes, bem como são colocadas dúvidas, dificuldades, necessidades e pedidos a serem respondidos pelo Padre Geral e pelos demais responsáveis da Ordem. Parte desta correspondência (até 1568) foi recentemente publicada por Serafim Leite, e outra parte permanece ainda inédita. A relevância do material encontrado naquele acervo motivou-nos quanto à decisão de nos dedicar ao estudo de tais documentos, tendo em vista alguns objetivos que nos norteavam em nossos recortes: buscar informações acerca dos conhecimentos psicológicos presentes na cultura portuguesa quinhentista; levantar documentos de autores europeus do século XVI que se referissem ao descobrimento e à colonização do Brasil e no âmbito dos quais fosse proposta uma representação do índio brasileiro no que diz respeito as suas características psicológicas e comportamentais; levantar documentos significativos dos problemas, temáticas e debates que surgiram no seio do mundo sociocultural, religioso e político português do século XVI a partir da descoberta da realidade antropológica dos Novos Mundos.

As fontes jesuíticas quinhentistas (assim como as demais) foram classificadas em dois grupos: as que foram elaboradas por testemunhas diretas, a saber, pelos que vivenciaram em primeira pessoa o encontro e a convivência entre portugueses e indígenas (por exemplo, roteiros, diários, relatos de viagem, cartas e tratados escritos por viajantes ou colonos) e as que foram elaboradas por testemunhas indiretas, a saber, pelos que tiveram conhecimento da realidade brasileira por meio da informação fornecida por outrem. Esses textos tinham o objetivo de divulgar o conhecimento adquirido acerca das novas terras no mundo culto da época e de transmiti-lo às gerações vindouras, estruturando-o

conforme os modelos teóricos e as ideologias dominantes no período. As fontes do segundo tipo foram agrupadas em tratados filosóficos, jurídicos, teológicos e literários.

As fontes jesuíticas: primeiras questões metodológicas

Devido à variedade quantitativa e qualitativa das fontes, vimos que seria possível desenvolver diversos modos e perspectivas de análise das mesmas. Um primeiro tipo de documento que mereceu nossa atenção foi a correspondência epistolar, sendo que os primeiros resultados obtidos no estudo destas fontes foi objeto de um livro publicado pela editora Loyola: *Navegadores, colonos e missionários na terra de Santa Cruz: um estudo psicológico da correspondência epistolar*³. Verificamos que este tipo de fontes, ou seja, a correspondência epistolar poderia ser analisada na perspectiva da história dos saberes psicológicos, sob dois diversos enfoques.

O primeiro concerne propriamente ao plano da história dos saberes psicológicos, detectando, pelos métodos da história conceptual, as eventuais influências e mudanças de ótica na formulação dos conceitos referentes ao ser humano e ao seu dinamismo anímico, induzidas pelo reconhecimento da existência de novas e diversas modalidades da experiência humana no contexto da cultura portuguesa quinhentista; bem como as matrizes conceituais utilizadas pelos autores dos documentos na consideração das características antropológicas e psicológicas observadas em si mesmo e nos outros.⁴

O segundo enfoque é possibilitado pela aplicação da análise fenomenológica, considerando-se as cartas como relatos de vivências subjetivas e intersubjetivas de modo a focar, no caso específico das cartas acima citadas, os fenômenos psicológicos envolvidos nos processos de descobrimento e convivência com a alteridade, assim como foram narrados pelos protagonistas em cartas, diários de viagem, anotações e tratados.⁵ Isto pressupõe considerar as narrativas como possíveis fontes de conhecimento psicológico, conforme a psicologia fenomenológica propõe. Edith Stein introduz esta possibilidade de investigação quando, em *A Estrutura da Pessoa Humana*⁶, delineia as interfaces entre o trabalho do historiador, do psicólogo, do artista e do escritor. Tendo

definido o conhecimento do outro como “compreensão espiritual de um ente”,⁷ a autora coloca que a possibilidade de conhecer a personalidade é dada segundo dois modos: direto, por meio das formas de expressão e linguagem que expressam a interioridade, e indireto, por meio de formas que têm continuidade para além da existência histórica da personalidade: grafia, estilo da escrita, cartas, expressões literárias, obras e impressões que ela suscitou nos outros seres humanos. Segundo Stein, coletar estas fontes é o trabalho preliminar do historiador que se completa nas tarefas de compreendê-las, por meio de suas linguagens específicas, e de tornar acessível aos outros esta individualidade por ele compreendida.

A distinção entre os dois níveis de análise – a análise dos conceitos e a análise das vivências – visa esclarecer os diversos enfoques metodológicos utilizados: o da história conceptual, por um lado, e o da análise fenomenológica das culturas e da antropologia histórica, por outro. Prost (*Social et Culturelle indissociablement*) assinala justamente a necessidade da complementação destas duas abordagens para realizar adequadamente os objetivos da história cultural:

Se a cultura é o que permite ao indivíduo pensar sobre sua experiência e é por meio dela que o indivíduo formula sua verdade, (...) o amor ou a morte, o historiador não saberá decifrar esta cultura sem conhecer essa verdade. A história cultural deve, sem cessar, ir e vir da experiência ao discurso da experiência. Que verdade se diz de uma cultura? Como, de que experiência uma cultura se alimenta?⁸

Discutiremos a seguir alguns resultados obtidos em nossas pesquisas.

Os saberes psicológicos elaborados pelos jesuítas numa perspectiva de história conceitual

Os documentos produzidos pelos jesuítas no âmbito do Brasil colonial são preciosas fontes para a reconstrução da história conceptual, proporcionando a apreensão de conceitos fundamentais do domínio antropológico e psicológico. As pesquisas por nós desenvolvidas nesta perspectiva possibilitaram a análise de alguns tópicos considerados

expressivos da visão de homem da cultura ocidental da Idade Moderna.

Um primeiro tópico diz respeito à representação do índio sob a categoria humanista de “homem moral” nas fontes missionárias.

Através da leitura das fontes jesuíticas podem ser focalizados, como temas inerentes ao uso da dita categoria, conceitos psicológicos relativos ao domínio das relações sociais, dos sentimentos, desejos e motivações, da percepção e da cognição. Tais conceitos integram a representação daquilo que pela cultura humanista e renascentista ainda viva na época, especialmente no contexto ibérico e lusitano, era definido como “homem moral”, categoria esta que se encontra formulada freqüentemente nos textos quinhentistas para indicar o conjunto de fenômenos subjetivos e comportamentais que caracterizam a personalidade humana. Com efeito, o termo “moral”, no período histórico considerado, assume uma conotação ampla marcada pela influência do aristotelismo, abrangendo, entre outras coisas, todos aqueles conhecimentos psicológicos que se referem ao sujeito humano e às suas ações.

Desse modo, à análise histórica cabe investigar a categoria de “homem moral” em suas matrizes teóricas e na formulação própria da cultura da época, bem como a maneira com que ela é aplicada à descrição e à explicação do comportamento do índio nos informes e cartas elaboradas pelos jesuítas naquela época. Este objetivo acarretou também a exigência de um aprofundamento das concepções aristotélicas, tomistas, agostinianas e estoicas, que constituem-se nos alicerces desta visão de homem na cultura lusitana e, posteriormente, na brasileira.⁹

Um segundo tópico diz respeito ao uso da teoria das emoções e da teoria dos temperamentos nas fontes jesuítas.

A escolha da “teoria das emoções” enquanto objeto do estudo histórico foi motivada pela importância que este tema assumiu na cultura ocidental dos séculos XVI e XVII. Por volta deste objeto, fora se constituindo, já desde a antiguidade, iniciada pelos filósofos platônicos e estoicos e pelos médicos, uma verdadeira “medicina do ânimo”, que não visava apenas o conhecimento teórico dos fenômenos emocionais, mas também seu controle, manipulação e eventualmente terapia. Trata-se, então, de uma área do saber que foi se consolidando na Idade Média desenvolvida por teólogos, médicos e filósofos e na qual parecem se

esboçar formas de conhecimento psicológico voltadas para a prática e o controle da vida individual e social. Os pensadores do Renascimento retomam com grande vigor o interesse por esta tradição e num certo sentido aplicam seus produtos ao projeto de formação do homem concebido como parte do novo universo cultural e político da Idade Moderna e ao conhecimento das realidades antropológicas reveladas pelo encontro com os Novos Mundos. A vivência dos afetos é entendida a partir deste referencial segundo uma perspectiva psicossomática que integra a dimensão corporal à psíquica e à espiritual

No contexto da teoria das emoções, abordamos assim alguns temas específicos, dentre eles o medo. Foram analisados os modos em que esta experiência emocional foi vivenciada e relatada pelos protagonistas em cartas e diários de viagem de portugueses elaborados nos séculos XVI e XVII (entre outros, nos relatos de viagens nas costas da África e do Brasil, ao longo dos séculos XV e XVI, e na documentação contida na *História Trágico-Marítima*, (de Bernardo G. de Brito, 1735-1736), à luz da hipótese historiográfica proposta por J. Delumeau, na *História do medo no Ocidente* (1978/1993). Nesse texto, Delumeau enfatiza a importância do medo na história dos indivíduos e das coletividades humanas, notadamente na história do Ocidente a partir do século XIV.¹⁰

As experiências subjetivas do medo frente ao mar e aos perigos da navegação, por um lado, e frente à novidade e à diversidade da natureza e da humanidade do Novo Mundo, por outro, permeiam a documentação acima referida, que nós nos propusemos a analisar. Ao mesmo tempo em que visávamos apreender pela análise das fontes as vivências subjetivas do medo na experiência cotidiana, abordamos também o tema do ponto de vista da história do conceito na literatura da época. A análise do amor e da tristeza pode ser destacada também na obra sermonística de vários autores, dentre eles Antônio Vieira, sendo estes dois afetos estudados em pormenores em suas causas, efeitos e terapias¹¹. Os resultados destas investigações (em parte conduzidas também em colaboração com outros jovens pesquisadores orientados e integrantes do grupo de pesquisa) foram expostos no livro *Os olhos vêem pelo coração*.¹²

O estudo das teorias das emoções evidenciou a importância de analisar as relações entre teorias da emoção e teorias dos temperamentos, pois como vimos a teoria dos temperamentos fruto, da longa tradição

iniciada por Hipócrates, permanecera viva até ao século XVI, constituindo-se num referencial para a construção do conhecimento do homem muito abrangente, por abarcar os aspectos propriamente orgânicos juntamente aos traços psicológicos e às relações do homem com o cosmos e com a sociedade. A fecundidade e a eficácia desta teoria são documentadas pela sua permanência no tempo, em contextos tão diversificados como eram o do saber acadêmico e o da cultura popular. A dita teoria começa a ser questionada a partir do século XVI, em favor de explicações que buscavam uma clara separação entre as causas orgânicas e as causas psíquicas dos fenômenos. Apesar disto, a teoria dos temperamentos permaneceu vital até o século XIX, podendo-se inclusive verificar esta permanência em documentos produzidos por médicos brasileiros da época. Mais uma vez, no contexto cultural brasileiro da Idade Moderna, a proposição e discussão destas temáticas foram realizadas principalmente pelos membros da Companhia de Jesus e pode ser plenamente compreendida pela leitura das obras filosóficas por eles produzidas e lidas, onde também vem definida a antropologia filosófica. Neste âmbito apreende-se a dimensão psicológica da experiência humana bem como os fenômenos a esta relacionados.¹³

O estudo da antropologia e psicologia filosófica elaboradas pelos jesuítas é possibilitado por alguns tratados cuja influência no contexto luso-brasileiro foi marcante. Trata-se dos assim chamados tratados *Conimbricenses*, redigidos pelos Professores do Colégio das Artes da Companhia em Coimbra, e que posteriormente foram utilizados para os estudos filosóficos nos colégios da Companhia no Brasil. Os tratados são comentários das obras aristotélicas e, no caso do estudo psicológico, são os seguintes textos: o comentário ao tratado *De Anima* (1602, Coimbra), o comentário ao tratado *Parva Naturalia* (Lisboa, 1593) e o comentário ao tratado *Etica a Nicomaco* (Lisboa, 1593), o comentário ao *De Generatione et Corruptione* (1607). No âmbito dos referidos textos, podemos evidenciar os principais conceitos referentes ao conhecimento psicológico. (2002e).¹⁴

Um novo levantamento no Arquivo da Cúria Geral da Companhia de Jesus em Roma em busca de fontes sobre esta temática nos revelou a existência de um tipo de correspondência epistolar até hoje em grande parte inédita: as cartas *Indipetae*, a saber, os pedidos para o envio nas

terras de além-mar encaminhados pelos jovens noviços dos colégios da Companhia na Europa aos seus Superiores. Nesta documentação, riquíssima tanto qualitativa quanto quantitativamente (trata-se de acerca de 16 mil cartas), emergem motivações, emoções e temperamentos dos autores, bem como o lugar que o além-mar ocupa no imaginário destes jovens europeus dos séculos XVI e XVII.

Devemos o conhecimento deste material documentário à orientação do Padre Mario Zanardi, vice-diretor do Arquivo, que, compreendendo nossos interesses na ocasião de uma visita de estudo ao Arquivo em 1996, revelou-nos a existência e a significação das *Indipetae*. Parte desta documentação referente aos colégios portugueses, espanhóis e italianos foi selecionada e reproduzida. Nem todos os pedidos, objeto das cartas, eram atendidos pelo superior: o método de avaliação era baseado na leitura das mesmas e no conhecimento de seus autores por meio das informações fornecidas pelo Padre Provincial, pelo mestre dos noviços e pelos Catálogos trienais. O critério de avaliação baseava-se na análise das motivações descritas nas cartas: em primeiro lugar, a conformidade ao perfil ideal (antropológico e religioso) do sujeito – assim como definido pelo fundador Inácio de Loyola em sua vida e em seus escritos, bem como pela literatura de espiritualidade da Companhia naquele período. Em segundo lugar, havia a análise das circunstâncias da vida do sujeito: suas relações com os familiares, a idade, as aptidões demonstradas (“talentos”), os conhecimentos adquiridos, seu estado psicofísico (“compleição”, ou temperamento). Por parte dos autores, que nas cartas relatam sua história de vida antes e depois da entrada na Companhia, a ênfase cai no “desejo” e nos sentimentos experimentados diante da perspectiva da missão além-mar, no processo de imitação de alguma figura ideal (da Companhia) e, em alguns casos, na confirmação do desejo recebida por alguns sinais interpretados como divinos (sonhos, encontros e fatos ocorridos). Como em muitos casos os pedidos não eram atendidos, vários insistem no assunto escrevendo repetidas cartas, cujo tom é cada vez mais apelativo e marcado pela insistência no desejo. Diferentemente do restante do corpo da correspondência epistolar elaborado no âmbito da Ordem, apesar da escritura das *Indipetae* ser instituída por uma norma do Padre Geral da Companhia visando disciplinar e tomar conhecimento dos pedidos para o envio em missão, parece não existir uma normativa quanto às formulas

para a redação das mesmas. Nesse sentido, os documentos podem ser considerados parcialmente expressivos da experiência psicológica de seus autores, dentro dos moldes que na época normatizavam a expressão das vivências interiores pela escrita. Para a análise da mesma, foi utilizado o enfoque da história conceptual, especificamente baseando-nos na teoria dos temperamentos e na teoria das paixões, bem como a abordagem da história das mentalidades que visa reconstruir o processo de formação da subjetividade moderna. Escolhemos realizar uma leitura das cartas focada no conceito de “desejo”, por este ser um lugar comum presente nestes documentos com grande frequência. O desejo foi analisado nas significações e usos inerentes às cartas, bem como nos significados próprios deste conceito na história da cultura contemporânea à escritura das cartas e especialmente na história da cultura jesuítica.¹⁵

A exigência de aprofundar o conhecimento dos referidos *Catálogos trienais* da Companhia de Jesus do século XVI ao XVIII, disponíveis no Arquivo da Cúria Geral da Companhia em Roma, tendo em vista investigar neles o uso dos saberes médicos, psicológicos e filosóficos sobre a pessoa, ocasionou a realização de alguns trabalhos sobre estas ricas fontes. Redigidos por cada comunidade jesuítica, por ordem do Padre Geral da Companhia, eram inicialmente simples listagens dos membros da Companhia (noviços e professores) presentes em cada casa ou colégio a serem enviadas a cada três anos ao Padre Geral em Roma para que ele pudesse ter conhecimento claro do estado da Companhia espalhada pelo mundo. Nas últimas décadas do século XVI, por ordem do Padre Geral, os termos de elaboração da lista tornaram-se mais complexos e detalhados. Os *Catálogos* organizam-se em três partes: o *Catálogo Primeiro*, fornecendo informações biográficas acerca de cada jesuíta (nome, sobrenome, naturalidade, idade, estado de saúde, etc.); o *Catálogo Segundo*, restrito apenas à leitura do Provincial e do Padre Geral, em que são avaliadas as aptidões de cada membro, sendo organizado por números e sendo omissos os nomes correspondentes devido ao caráter reservado dos dados nele contidos; o *Catálogo Terceiro*, referente à situação material (numérica, econômica, etc.) das casas ou colégios da Companhia nas diversas províncias. O *Catálogo Segundo* fornece informações acerca do perfil de cada jesuíta, de modo tal que poderíamos defini-lo numa linguagem atual como uma espécie de perfil

psicossomático dos indivíduos membros da Ordem. Com efeito, refere-se a vários aspectos psicológicos e comportamentais: o “engenho”, o “juízo”, a “prudência”, a “experiência”, o “talento” e a “compleição” (ou temperamento). Apesar de ser assinado pelo Padre Provincial, normalmente é redigido pelo superior local do Colégio, segundo normas fornecidas pela *Formula scribendi* de 1580. À luz da Psicologia Filosófica e da Medicina do ânimo da época, nossas pesquisas buscaram investigar a significação atribuída às categorias utilizadas pelos autores dos Catálogos, para rotular o perfil de cada jesuíta: o que se entendia por “engenho”, “juízo”, “prudência”, “experiência”, “talento” e “compleição” (ou temperamento)? Pretendemos, assim, enfocar a interseção destes dois saberes numa documentação inerente à prática da organização social da Companhia. Numa análise de outras fontes expressivas da significação de ditas categorias na concepção cultural da época, buscou-se melhor entendimento dos critérios que norteavam a elaboração dos Catálogos, verificando que estes eram em parte funcionais à necessidade de atribuir funções para cada membro do corpo da Companhia levando em conta o conhecimento do corpo (entendido à moda tomista como unidade psicossomática) de cada um: articulando assim corpos pessoais a corpos sociais e religiosos, por sua vez inseridos em ambientes diversos.

Para proporcionar a compreensão do significado e do uso das categorias do Catálogo Segundo, a investigação seguiu duas possíveis direções: a primeira foi a compreensão da utilização daquelas categorias nos Catálogos Segundos do Brasil e da Assistência Lusitana, num determinado período – observando as possíveis variações de uso presentes em diversas áreas geográficas no âmbito da mesma Assistência. Algumas questões norteiam este possível itinerário de pesquisa: a utilização das categorias em diversos momentos temporais e em espaços geográficos (naturais, sociais, culturais, religiosos) diferentes apresentaria uma certa uniformidade? Quais seriam as eventuais diferenças? E, em caso afirmativo, estas diferenças estariam relacionadas com as demandas próprias de ambientes e períodos históricos específicos? Haveria alguma relação entre os talentos assinalados nos Catálogos Segundos e a função efetivamente desenvolvida por cada jesuíta no corpo da Companhia? Foi realizada uma análise dos catálogos da Assistência Lusitana, visando a responder a estas questões e como resultado observou-se uma constância,

nos Catálogos brasileiros, no que diz respeito ao prevalecer consistente dos sujeitos coléricos. O que isto significa? Por que os coléricos seriam tão numerosos? Qual era a significação desta categorização na cultura da época e, mais especificamente, na cultura jesuítica? Com base em quais critérios e a partir de que tipo de conhecimentos, eram elaboradas estas classificações? A descrição que o médico Levinio Lemnio fornecia na época acerca dos diversos temperamentos pareceu introduzir-nos na solução destas questões. Lemnio (1561), citando Galeno, afirma que a perseverança e a diligência do ânimo procedem do humor bilioso, sendo que este humor determina a velocidade, o ímpeto e a inquietação, bem como a fluência do discurso. A constância e a firmeza são conseqüências do humor melancólico combinado com um moderado calor. A partir deste referencial, pode-se explicar porque os temperamentos definidos como colérico-melancólico, ou colérico-sangüíneo ou simplesmente colérico sejam maiormente aptos para a atividade missionária no Brasil, sendo dotados daquele ímpeto, daquela capacidade de comunicação e inteligência necessários para empreender ações num campo social e natural difícil e novo. Observa-se também que há, neste sentido, uma grande diferença com relação à freqüência das compleições coléricas nos catálogos das Índias Orientais, onde já se evidencia uma grande freqüência também de melancólicos e de sangüíneos. A incidência dos melancólicos poderia ser explicada pelo fato deste perfil ser característico de sujeitos intelectuais e desta categoria de profissionais ser empregada amplamente nos colégios jesuíticos da Índia, como por exemplo o famoso Colégio de Goa.¹⁶

A segunda direção da pesquisa nos Catálogos, buscava compreender a significação daquelas mesmas categorias utilizadas pelos Catálogos Segundos à luz da mentalidade e da cultura jesuítica, bem como à luz da mentalidade e cultura da época em que os ditos documentos foram elaborados. Cada uma das categorias foi analisada. A importância da qualidade do engenho no âmbito da Companhia é evidenciada pelo fato de que nas Constituições, ao descrever as regras para o Exame Geral de Admissão, afirma-se que um defeito de engenho constitui-se num motivo para recusar a entrada na Ordem, sobretudo pela relação entre o engenho, a arte da retórica e o ofício do pregador, tão importante entre os ministérios da Companhia. O engenho é inclusive

uma qualidade da potência do entendimento, importantíssima na perspectiva da antropologia do barroco: a agudeza do engenho é a que tem a capacidade de construir as metáforas da oratória mas, também a capacidade de descobrir a ordem da natureza na ciência. O juízo, entendido também como uma dimensão da potência cognitiva, é capaz de avaliar o bem e o mal e, na perspectiva jesuítica, vem a coincidir com a virtude da obediência – entendida como o caminho para o verdadeiro bem. A prudência é uma virtude moral e uma aptidão psicológica que diz respeito à capacidade de lidar com os outros, implicando, portanto, o exercício prévio do juízo e da memória. Ela é uma virtude muito importante não apenas dentre os jesuítas, mas também para a mentalidade do homem da Idade Moderna por associar-se ao exercício intelectual do desengano, ou seja, ao reconhecimento pelo entendimento humano da mutabilidade e da fragilidade da aparência mundana. Quanto à complexão natural, fundamentava-se numa classificação quaternária do cosmos, que estabelecia quatro tipos de temperamentos conforme a predominância no organismo de um entre os quatro componentes líquidos (humores) que determinam a compleição do mesmo. São eles: a bilis amarela, a fleuma, o sangue e a melancolia ou “atra bilis”. Haveria correspondência entre os quatro humores, os quatro elementos físicos constitutivos da realidade (fogo, água, ar e terra), as estações do ano (verão, inverno, primavera e outono), as idades da vida (maturidade, velhice, juventude e envelhecer), as horas do dia (o meio-dia, a noite, a manhã e o entardecer) e os planetas (Vulcano, Netuno, Minerva e Saturno). Nesse quadro, a prevalência da bilis amarela determina o temperamento colérico, a prevalência da fleuma determina o temperamento fleumático, a prevalência do sangue, o sangüíneo, e a prevalência da melancolia, o temperamento melancólico. Os humores eram considerados como os fatores ‘responsáveis’ seja pela saúde seja pelas doenças do organismo. A “complexio sanguinea” era geralmente reconhecida pelos médicos como a mais saudável e, por outro lado, a compleição melancólica era julgada como a mais doentia, sendo acompanhada por distúrbios psíquicos em diversos graus (medo, depressão, delírio), mas também, em uma predominância moderada, era responsável pela inteligência e genialidade do indivíduo. O uso da noção de temperamentos que aparece na literatura jesuítica elaborada durante os séculos XIV a XVII é inspirado na nova mentalidade que propõe uma

utilização desses conhecimentos médicos voltados para fins práticos, preventivos e formativos – como aparece em vários tratados médicos do período que foram por nós analisados na ocasião desta pesquisa. Aplicar este tipo de conhecimento à vida do indivíduo e da comunidade contribuiria para o bem-estar de cada membro do grupo e melhoraria com certeza a eficácia da ação da Companhia nos diversos ambientes de sua missão. Quanto à relação entre as categorias de ofícios e talentos, as Constituições da Companhia recomendam a distribuição dos ofícios conforme os talentos e a esta correlação possivelmente são destinadas as classificações que encontramos nos Catálogos.¹⁷

Em suma, as referidas pesquisas evidenciaram a utilização da tradicional teoria dos temperamentos em função prática e voltada à adaptação ao ambiente e à ordenação do dinamismo psíquico, especialmente no que diz respeito à dimensão emocional: trata-se de dimensões peculiares e relevantes dos saberes psicológicos da Idade Moderna, tendo no Brasil aplicações e expressões relevantes ao longo do período colonial e, inclusive, no século XIX. Podemos então concluir que, do ponto de vista da historiografia conceptual, estes dois grupos de conceitos – emoções e temperamentos – parecem-nos caracterizar de modo peculiar os saberes psicológicos na Idade Moderna numa perspectiva antropológica ainda pré-cartesiana.

A transmissão dos saberes psicológicos pela oralidade e seus usos nas práticas comunicativas

A história da cultura brasileira, e nela o desenvolvimento da Psicologia, é marcada pela descontinuidade e pelo hiato entre a cultura popular (de matriz tradicional) e a cultura acadêmica. O estudo da cultura oral parece ser decisivo, sendo esta no Brasil o campo mais amplo para o processo de apreensão, elaboração e transmissão cultural, no passado e em parte também no presente. Nesta perspectiva enquadra-se a escolha que fizemos acerca de determinados gêneros de documentos, especialmente na área da oratória sagrada e das crônicas narrativas de festas e cerimônias de teor religioso ou político no período colonial. Com efeito, tratam-se de práticas culturais (a pregação e as celebrações) que se fundamentam na oralidade e na gestualidade para expressar e transmitir

doutrinas ou atitudes e posicionamentos religiosos, morais e políticos. Neste campo também a contribuição jesuítica é predominante. A leitura de tais documentos revelou serem eles produtos de uma construção articulada e intencional voltada a promover conhecimento, persuasão e modificação de condutas por meio da mobilização do dinamismo psíquico dos destinatários, fundado na arte retórica.

Desse modo, dedicamos vários trabalhos ao estudo da pregação como fonte de transmissão de conceitos e práticas psicológicas, mas também como expressão da articulação entre retórica, teoria do conhecimento e psicologia filosófica resultando numa prática de uso da palavra muito significativa e, num certo sentido, precursora da moderna confiança na força da palavra e do discurso que perpassa a psicanálise e, em geral, as psicoterapias. Estas investigações realizadas nos sermões de pregadores jesuítas e de outras Ordens Religiosas no Brasil, do século XVI ao século XVIII, notadamente em sermões pregados no Brasil colonial e impressos achados e coletados em acervos brasileiros, visavam a três objetivos. Em primeiro lugar, pretendia-se realizar uma análise crítica das fontes coletadas conforme o recorte sugerido: a elaboração e transmissão do conhecimento de si mesmo neste tipo de produção cultural. Cabe ressaltar o fato de que *o conhecimento de si mesmo* é entendido não nos termos de critérios e modalidades sugeridos pela moderna psicologia científica e sim conforme os modelos culturais próprios da época em que estas formas de oratória sagrada foram se desenvolvendo. Consideramos que o modelo filosófico fundamental de referência para a articulação destes tipos de conhecimentos naquele período tenha sido principalmente a já citada psicologia filosófica aristotélico-tomista, formulada nas obras aristotélicas (especialmente o *De Anima*, *Parva naturalia*, *Ética a Nicômaco*) e nos respectivos comentários, especialmente os elaborados em contexto católico no período definido como *Segunda Escolástica*, na *Summa Teológica* e na obra *De Veritate*, de Tomás de Aquino. Em segundo lugar, buscava-se aprofundar os significados e as dimensões do fenômeno cultural da pregação no Brasil colonial, sobretudo no que diz respeito as componentes psicológicas do uso da arte retórica para a persuasão dos ouvintes, assim como foram formuladas e explicitadas na cultura da época, notadamente nos tratados sobre oratória e oratória sagrada e nos próprios textos dos sermões. Em terceiro lugar, interessava-

nos também conhecer as características psicológicas, morais e intelectuais atribuídas pela cultura da época ao perfil ideal do pregador, características essas que capacitam o mesmo à prática bem sucedida da arte retórica nos contextos sociais e culturais próprios do Brasil da época. A coleta de notícias históricas acerca das atividades de pregação desenvolvidas nas cidades brasileiras, bem como sobre as figuras dos pregadores e o papel de seus grupos de pertença, revelou-se importante para responder as questões formuladas nos objetivos.

Os resultados desta pesquisa encontram-se no livro *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*.¹⁸ A palavra do pregador é capaz de mudar juízos e atitudes dos ouvintes. Na concepção da arte retórica clássica e moderna, um dos alicerces deste poder é a possibilidade da palavra atingir e mobilizar o dinamismo psíquico dos destinatários, tal dinamismo sendo concebido em termos das psicologias filosóficas formuladas por Aristóteles, Tomás e Agostinho. O mundo anímico estrutura-se em potências (sensoriais (externas e internas), afetivas, cognitivas e volitivas). Por sentidos internos entende-se: a memória, a imaginação, a *vis* estimativa e o sentido comum. A palavra mobiliza na medida em que atinge tais potências. Com efeito, a palavra pregada visa ensinar (*docere*,) o ato de conhecimento envolvendo todo o psiquismo humano. Segundo Tomás, “*Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*”, ou seja, o homem só pode conhecer a partir dos dados sensíveis, obtidos pelos sentidos externos. O percebido, por sua vez, é processado pelos sentidos internos (fantasia, potência estimativa, memória, senso comum) como *fantasma*. A potência estimativa é *ratio particularis*, uma espécie de continuação do espírito na sensibilidade, pois manifesta nesta o universal. Assim, mesmo que esta potência pertença ao âmbito do pré-racional, apresenta-se como o ponto em que o entendimento e a sensibilidade unem-se, para formar um único conhecimento humano. Na retomada da teoria aristotélico-tomista realizada pelos filósofos jesuítas de Coimbra, o pensamento – enquanto permanece num corpo não glorioso –, necessita sempre voltar ao sustento do sensível e do fantástico para entender¹⁹. O ato de pensar requer a presença de imagens e simulacros fantásticos depositados na memória. Por sua vez, a vontade pressupõe o conhecimento, mas também depende do apetite sensitivo o qual, por sua vez, segue a imaginação. De modo que, em virtude da

unidade alma-corpo, a esfera pré-racional dos apetites e dos afetos interfere profundamente, seja no conhecimento, seja no livre arbítrio. Neste processo, o papel da potência estimativa é fundamental, sendo que a persuasão passa assim por ela.

No caso da retórica jesuítica, a eficácia da palavra é fundada na arte da retórica acoplada ao método inaciano (exercícios espirituais) da *compositio loci*,²⁰ uma complexa operação psíquica proposta na segunda semana dos Exercícios Espirituais, através da qual o sujeito é conduzido a formar no seu interior através dos sentidos internos, a representação de um “lugar” onde é possível o envolvimento em primeira pessoa e que se tornará a seguir espaço de oração e de contemplação²¹.

Nesta mesma perspectiva, cabe analisar a importância da imagem, que juntamente com a palavra, é um grande recurso de transmissão cultural em sociedades marcadas pela oralidade (e não somente nelas). Trata-se de um objeto que atinge o destinatário no nível da percepção sensorial, mas que também desencadeia um percurso cognitivo na medida em que também carrega nela seu significado. Portanto, diz respeito ao dinamismo psíquico ativamente mobilizado no processo de conhecimento. Assim como a palavra, a imagem é um objeto cultural com relevante apelo psicológico. Por suscitar processos psicológicos, a imagem tem sido estudada pelos psicólogos com interesse crescente, mas seu alcance não se limita ao mundo anímico. Evidencia-se, portanto, que a investigação histórica acerca deste tema implica em adentrar na questão das relações complexas entre psicologia e cultura. Feitas estas ressalvas metodológicas, é claro tratar-se de um tema particularmente apto para diálogos fecundos entre os saberes psicológicos e psicologia contemporânea – constituindo-se em certo sentido como tema *comum* e propondo questões que de vários modos são objetos de investigação e de discussão no passado mas também no presente. Além do mais, no que diz respeito à dimensão cultural, a imagem assume grande relevância no contexto brasileiro, especialmente no período colonial. É recorrente o recurso a ela nos mais diversos âmbitos e modalidades, tais como: as estátuas e as decorações nas igrejas barrocas; as metáforas e as imagens lingüísticas nos discursos dos pregadores; os elementos iconográficos utilizados nas cerimônias públicas, sagradas e profanas; a composição de cenários e de elementos figurativos imaginários empregados para

a aprendizagem; a memorização, a reflexão e as atividades religiosas como oração e meditação. No saber jesuítico, a imagem é um recurso privilegiado, tendo em vista o fundamento doutrinário (aristotélico-tomista) e teológico (a espiritualidade franciscana de Boaventura retomada por Roberto Bellarmino) de que os próprios sentidos em sua apreensão do mundo natural constituem-se numa via para que o ser humano possa alcançar também o conhecimento do divino. Assim, a imagem é valorizada como veículo que leva do visível ao invisível por Loyola, nos *Exercícios* (1542), sobretudo na proposta do método contemplativo da *compositio loci* e, nesta, da composição visual (n. 82, 91, 103, 112, 151, 232, 92, 115, 116) e da vista pela imaginação (65, 66, 91). Inácio retoma assim um elemento próprio da sensibilidade tardo medieval, modelo contemplativo e místico, onde as imagens compartilham com o sacramento a função de instrumentos de subida do visível e terreno para o invisível e espiritual.

Pécora assinala que o modelo sacramental está na origem da maneira de conhecer a realidade do catolicismo da Idade Moderna e, neste universo, para o entendimento de toda a obra sermonística de Antônio Vieira ²². Pécora define o modo sacramental como sendo

o movimento característico através do qual o que é da ordem de Deus – e portanto por natureza transcendente e não determinado por qualquer essência particular, segundo a matriz comum do pensamento católico, - toma espécies visíveis, existentes no mundo da determinação material, e imprime nelas a substância única e pessoal do seu Ser.²³

Com efeito, o sinal por excelência é o sacramento eucarístico, lugar de coincidência entre o sinal e o mistério divino. Segundo Vieira, a essência do sacramento é a presença da divindade, o seu “estar invisível debaixo das espécies visíveis”. De modo que é possível estar presente “Cristo no pobre por modo do sacramentado”.²⁴ A relação do homem com o transcendente assume forma tal que “tudo o que há e ocorre, assim como passa, sinaliza e revela”. A Eucarística, sob as espécies do pão e do vinho que se transubstancializam no corpo e no sangue de Jesus Cristo, constitui-se assim na “presença escondida, sob espécie, do divino em plano terreno”. O modo sacramental é, “a maneira privilegiada pela

qual a transcendência pauta sua comunicação com o universo dos seres criados à sua imagem”.

Esta posição fundamenta-se na teologia dos Padres da Igreja, retomada pelo Concílio de Trento. Se o universo é sacramental, a natureza mesma é um meio seguro de iniciação à fé, proposição esta típica da filosofia escolástica. Com efeito, na perspectiva do tomismo, a razão é sempre razão natural, ou seja, potência humana que participa da lei natural inscrita por Deus em todo o criado e cujo funcionamento por tal Causa tende a tal Fim. Tanto os objetos naturais, quanto o intelecto humano, são análogos ao Ser de Deus. O saber humano é participação ao Ser de Deus. Se a realidade mundana não pode ser entendida autonomamente, por constituir-se como expressão da incansável atividade divina que a sustenta, o sagrado se explicita inclusive através das imagens.

Nesta ótica, as imagens, inclusive as imagens verbais (a alegoria e a metáfora) não assumem apenas a significação de ornamento mas expressam esta visão do mundo que como já afirmava o filósofo e teólogo Boaventura, no século XIII, é semelhante a um espelho pleno de luzes que revelam a divina sapiência.

Realizamos alguns estudos sobre a modalidade em que Vieira, e os demais pregadores jesuítas atuantes no Brasil no período colonial transmitem esta concepção da imagem em seus discursos.²⁵

Do ponto de vista da cultura popular, outro emprego da imagem, em termos de imagem mental, promovido pelos jesuítas e baseado na mobilização do dinamismo psíquico é a prática da oração mental. Na sociedade cristã da recém criada diocese de Mariana, a introdução desta prática foi realizada pelo bispo Manoel da Cruz, a partir de Pastoral de 1748, em obediência à Bula expedida pelo Papa Benedito XII, e baseando-se também na experiência da Companhia de Jesus, ordem religiosa da qual frei Manoel ficara muito próximo na época de sua estadia em Maranhão. Com efeito, se foi no âmbito da Companhia de Jesus que a prática da Oração mental foi formulada e difundida, sua difusão mais ampla no meio das populações deve-se também a sujeitos transmissores externos à mesma. Na Pastoral, Manoel da Cruz afirma que se empenhou “em difundir este exercício” através das visitas pastorais e através de cartas e encíclicas especificando que “o tempo da oração mental deve ser ao menos meia hora dentro da qual se lerá o ponto da oração, se farão vários

atos de contrição, fé, esperança e caridade, oferecimento, petições e ação de graças na forma que trazem os Livros espirituais, que tratam desta matéria” (Pastoral, par. 5). Se considerarmos que o referido Bispo, em relatório ao Papa sobre a vida na diocese, escrito em 1754, afirma ter visitado pessoalmente as 43 paróquias e as 289 igrejas de sua diocese, podemos pensar que sua contribuição para a difusão desta prática no território mineiro foi bastante extensa.

Na Biblioteca pertencente ao Bispado de Mariana, encontramos um dos livros espirituais mais conhecidos sobre a prática da oração mental, o *Compendio delle Meditazioni ed una Breve Istruzione per ben meditare cavata dagli Esercizi Spirituali di Ignazio di Loyola* – texto do jesuíta italiano Ambrogio Spinola, editado no ano de 1738, o mesmo da redação da referida Pastoral. Podemos supor que as dicas sugeridas por Spinola tenham moldado a aprendizagem e a prática da oração mental naquela região mineira. O que chama a atenção na leitura da *Breve Istruzione*, é o fato de que a prática da oração mental combina formas rituais e expressões conceituais com vivências do sagrado que envolvem todas as dimensões do psiquismo, a começar pelas sensoriais. Estrutura-se em quatro momentos: a oração preparatória, os prelúdios, os pontos, os colóquios. Os prelúdios exigem, antes de mais nada, a mobilização da fantasia e dos sentidos imaginários, pois trata-se, por um lado, de representar-se na imaginação uma cena (normalmente, um passo do Evangelho, objeto da meditação) e um lugar onde ocorreu esta cena, e por outro, de formular um pedido a Deus por uma específica necessidade. Para aplicar a imaginação, é preciso seguir certo caminho, assim descrito por Spinola:

Inicie a aplicação pelo sentido da vista, e imagine-se ver as pessoas, as ações, e outras coisas, que podem ser objeto deste sentimento; em seguida, aplique o ouvido, o paladar, o olfato e o tato, cada um a seus próprios objetos (e se por acaso não houver objetos próprios e corporais, utilizem-se alguns objetos metafóricos e espirituais).(...) Depois que a potência imaginativa terá bem penetrado algum objeto por algum sentimento, é preciso usar o intelecto para formular logo acerca deste, algum pequeno discurso, e derivar algum conceito de moral, visando à reforma dos costumes de modo que por obra da vontade, adira ou aborreça algo

proposto pelo intellecto e excite e dilate os afetos.” (1738, p.7 e 7v, tradução nossa).

O terceiro momento, denominado dos pontos da meditação, envolve a mobilização de todas as potências psíquicas:

Nos pontos é preciso exercitar a memória, o intellecto e a vontade; as quais potências, às vezes, conforme a necessidade são auxiliadas pela fantasia. A memória coloca a matéria aparelhada para a meditação e quando a necessidade exigir, coloca também outras coisas lidas ou ouvidas, que tenham relação com o tema e tornem mais fecunda a meditação. O intellecto discorre acerca da matéria proposta pela memória, aprendendo, julgando, raciocinando, ou deduzindo uma coisa de outro. A vontade move-se para as coisas propostas pelo intellecto ou excitando em si mesma amor, ou ódio, ou desejo, ou aborrecimento, ou esperança, ou desespero, ou ardor, ou temor, ou alegria, ou melancolia, ou cólera, conforme a variedade das coisas e dos motivos propostos. Semelhantes afetos podem ser dilatados ou despertados de muitas maneiras (...). A fantasia propõe os lugares, os rostos das pessoas, os movimentos, o local, o tamanho das coisas, etc. conforme à necessidade das outras potências, de modo que os afetos se exerçam de forma mais eficaz e vivaz. (1738, pp. 3-4v, tradução nossa).

Os colóquios, terceiro passo da oração mental, são diálogos com Deus, Nossa Senhora, os Santos, os Anjos, onde a representação do sagrado e a posição do sujeito diante dele, são flexíveis diferenciando-se conforme as diversas circunstâncias interiores e exteriores em que a pessoa se encontra. Ao terminar a oração mental, Spinola sugere que se faça uma reflexão atenta sobre a experiência vivenciada, se possível anotando-a num livrinho. Repare-se que, nesta prática religiosa derivada da espiritualidade jesuítica, especificamente dos Exercícios espirituais e destinada a ter ampla difusão entre as populações brasileiras, compõem-se as diversas dimensões da representação do sagrado envolvendo todas as componentes do psiquismo humano.²⁶

Conclusão

A contribuição dos jesuítas à difusão e construção de saberes psicológicos no seio da sociedade e da cultura brasileira foi muito extensa e multifacetada e sempre deve ser abordada e compreendida no horizonte integral dos objetivos missionários da Companhia. Pois, no universo cultural ao qual estamos nos referindo, ainda não existe solução de continuidade entre a vida espiritual e a vida anímica e somática da pessoa, sendo sempre estas últimas dimensões perpassadas pela consideração do fim último do homem que se realiza no nível espiritual, ou seja, no nível do entendimento e da liberdade. No percurso investigativo realizado e aqui resumidamente descrito, pudemos verificar que as fontes produzidas pelos membros da Companhia constituem-se num acervo amplo e aberto a diversas possibilidades de estudo, podendo ser interrogadas pelos historiadores de múltiplas formas e segundo diversas óticas. Um mundo do passado, aberto a descobertas no presente e no futuro.

Referências Bibliográficas

- DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente* (1978), São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- GIARD, L. *Les jésuites à la Renaissance, Système éducatif et production du savoir*, Bibliothèque d'Histoire des Sciences, Paris, Press Universitaires de France, 1995.
- GONTIJO, S. R. & MASSIMI, M. A persuasão e o dinamismo psíquico em sermões de Antônio Vieira, *Paidéia. Cadernos de Psicologia e educação*. 2007, vol. 17, n. 37, pp. 207-218.
- LEAL, M. & B. MASSIMI, M. Releituras da Indiferença: um estudo baseado em cartas jesuíticas dos séculos XVI e XVII. *Paideia: Cadernos de Psicologia e Educação*, Ribeirão Preto, v.15, n. 31, 2005, pp. 156-206.
- MASSIMI, M. *História da Psicologia Brasileira*, São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1990a, 82 pp.
- MASSIMI, M. Conhecimentos acerca do Homem e de sua Subjetividade no Brasil Colonial, *QUIPU: Revista Latino Americana de Historia de las Ciencias y la Tecnologia*, México, 1990b, v.7, n.2, pp. 233-257.

MASSIMI, M. & MAHFOUD, M. L'avventura dell'alterità. Il processo di conoscenza della realtà sociale nel Brasile del Sedicesimo secolo, *Euntes Docete. Commentaria Urbaniana*, Roma, a. XLVII, 1994, n.3, pp. 311-342.

MASSIMI, M. Aspectos da pedagogia jesuítica no Brasil do século XVII. *Cadernos de Ciências aplicadas*. 1, 1997a, pp. 23-24.

MASSIMI, M., MAHFOUD, M. SILVA, P.J. C., AVANCI, S.H.S *Navegadores, Colonos, Missionários: estrangeiros na Terra de Santa Cruz, (um estudo psicológico da correspondência epistolar*, São Paulo, Editora Loyola, 1997b, 148 p.

MASSIMI, M.. A teoria dos temperamentos na literatura jesuítica nos séculos XVI e XVII. *Atalaia Intermundos Revista Internacional de Exegese Contemporânea*. Lisboa, 2000a, v.6-7, pp. 223-236.

MASSIMI, M. Os afetos do coração na história da cultura brasileira (do século XVI ao século XVII). *Temas de Psicologia*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 2000b, v. 8, pp. 155-162.

MASSIMI, M. Sentido da história e identidade pessoal e política, na visão de Padre Antônio Vieira. *Cadernos de Psicologia e Educação – Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 11, n. 21, 2001a, pp. 27-34.

MASSIMI, M. & SILVA, P. J. C. *Os olhos vêem pelo coração: Conhecimento psicológico das paixões na história da cultura brasileira dos séculos XVI a XVII*. (Organizado em co-autoria com SILVA, P.J.C.). Ribeirão Preto, Editora Holos-Fapesp. 2001b, pp. 181.

MASSIMI, M. Enlaces e desenlaces entre mundo luso e mundo brasileiro na oratória sagrada do século XVII: os sermões pregados por Padre Antônio de Sá. *Revista Convergência Lusíada*. Rio de Janeiro, v.19, número especial, 2002a, pp. 318-332.

SOUSA, L.V. & MASSIMI, M. Il desiderio dell'Oltremare nelle *Litterae Indipetae*: le condizioni psicologiche per l'azione nella narrativa di giovani gesuiti del sedicesimo secolo. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*. Belo Horizonte, v.3, 2002b, pp. 1-17.

MASSIMI, M. & PRUDENTE, A.B. *Um encendido desejo das Índias*. Em co-autoria com Prudente, A B. São Paulo, Edições Loyola, 2002c, 111 pp.

MASSIMI, M. Identidade, tempo e profecia na visão de Padre Antônio Vieira, *Memorandum: Memória e História em Psicologia*. Belo Horizonte, vol. 01, 2002d, pp. 1-19.

MASSIMI, M. A psicologia dos jesuítas: Uma contribuição à História das Idéias Psicológicas. *Psicologia: Reflexão e crítica*. Porto Alegre, , v.14, n. 9, 2002e, pp. 625-633.

MASSIMI, M. Representações acerca dos índios brasileiros em documentos jesuítas do século XVI. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*. Belo Horizonte, vol.5, 2003a, pp. 70-87.

MASSIMI, M. La psicologia dei gesuiti nella prima colonizzazione degli indios. *Nuove tendenze della Psicologia*. Trento (Italia), v.1, n.3, pp. 381-394, 2003b.

MASSIMI, M. Representações do sagrado e dinamismo psíquico: algumas contribuições na história das idéias psicológicas. Em: PAIVA, G.G. e Zargari, W., *A representação na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, pp. 105-112.

MASSIMI, M. Palavras, *almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo, Edições Loyola, 2005a.

MASSIMI, M. A pregação no Brasil colonial. *Varia História*. Vol.21, n. 34, 2005b, pp. 417-436.

MASSIMI, M. Conhecimento e dinamismo psíquico em dois sermões no Brasil colonial. *Psicologia: Teoria e pesquisa*. Brasília, v.21, n.1, 2005c, pp. 61-67.

MASSIMI, M. Alimentos, palavras e saúde (da alma e do corpo), em sermões de pregadores brasileiros do século XVII. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 253-270, 2006a.

MASSIMI, M. A “presença” dos Santos na oratória sagrada do Brasil colonial. *Coletânea Revista do Instituto Teológico do Mosteiro de São Bento*. Rio de Janeiro, ano V, vol. 10, 2006b, pp. 262-286.

MASSIMI, M. Sermões quaresmais e conhecimento de si mesmo. *Interações. Estudos e Pesquisas em Psicologia*. São Paulo, Universidade São Marcos, vol. XI, n. 21, 2006c, pp. 97-120.

MASSIMI, M. Le prediche dei gesuiti in Brasile. Tra Europa e Nuovo Mondo: risorse retoriche ed implicazioni antropologiche. *Annali di Storia Moderna e Contemporanea*. Università Cattolica del Sacro Cuore, Milano, n. 13, 2007a, pp. 281-296.

MASSIMI, M. Palavras e saberes psicológicos na história da cultura brasileira. Em: VILELA, AM.J. e SATO, L. *Diálogos em Psicologia Social*. Porto Alegre: Ebangraf-Abrapso Sul, 2007b, pp. 185-196.

MASSIMI, M. Imagens da natureza e afetos humanos em sermões brasileiros dos séculos XVII e XVIII. Em: BAPTISTA, Ana H. (organizadora). *A Natureza nos Novos Mundos*. Lisboa: Editora Apenas, 2007c, pp. 28-47.

MASSIMI, M. Imagens da natureza na pregação jesuítica em Terra Brasilis. *Perspectiva Teológica*. 39. 2007d, pp. 331-350.

MASSIMI, M. Reflexões sobre a dor em sermões pregados no Brasil no período colonial. Em: *Reflexões sobre a dor* (co-organizadora com HOFFMANN A. e OLIVERIA, L.M.). Ribeirão Preto, Fapesp-São Francisco, 2008a. pp. 91 a 126.

MASSIMI, M. As imagens e sua função no dinamismo anímico dos ouvintes: percursos da oratória sagrada brasileira do século XVI ao XVIII. MARQUES, L. *A Fábrica do Antigo*. Campinas, Editora Unicamp: pp. 303-328, 2008b.

MASSIMI, M. O uso de imagens verbais no gênero da oratória sagrada na Idade Moderna no Brasil e sua significação na perspectiva da Teologia da época. *Revista Eletrônica: Pontifícia Faculdade de Teologia* <http://www.teologia-assuncao.br/re-eletronica/numeros/n3>, 2008c, pp.1-10.

MASSIMI, M. Persuasão e dinamismo psíquico: investigações na história da cultura ocidental. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. . 2008d, vol. 60, n.1, pp. 132-139.

MASSIMI, M. Delectare, movere er docere: retórica e educação no Barroco. *Per Musi*,_ 2008e, vol, 17. pp. 55-59.

MASSIMI, M. *Il potere e la croce. Colonizzazione e riduzioni dei gesuiti in Brasile*. Milano, Edizioni San Paolo, 2008f, 209 p.

PACHECO P. R. A. & MASSIMI, M. & O conhecimento de si nas *Litterae Indipetae*. *Estudos de Psicologia*._ Vol.10, n. 3, 2005, pp. 345-354).

PÉCORA, A , Sermões: o modelo sacramental, em: JANCSÓ e KANTOR, *Festa. Cultura e Sociabilidade na America Portuguesa*, vol.2, São Paulo, Imprensa Oficial- Hucitec-Edusp-Fapesp, 2001, pp. 717-731;

PÉCORA, A *O teatro do sacramento*, São Paulo: Edusp e Unicamp, 1994.

PIMENTA, V.D.S. & MASSIMI, M. A palavra e a imagem na pregação do século XVII: Um sermão de Antônio Vieira. *Psicologia: reflexão e crítica*. Volume 20, n.1, janeiro-abril de 2007, pp. 138-147.

PROST, J. Social et Culturelle indissociablement. Em: RIOUX, J.P. e SIRINELLI, J. F, *Pour une histoire culturelle*, Paris, Seuil, 1997, p. 140-148.

SANTOS, E.F. & MASSIMI, M. Nossa Senhora das Maravilhas: corpo e alma de uma imagem, *Memorandum: Memória e História em Psicologia*._Belo Horizonte, v.8, 2005, pp. 1-6.

SILVA, P.J.C. & MASSIMI, M., A construção do conhecimento psicológico na obra *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1682) de Alexandre de Gusmão SI. *Revista da Sociedade Brasileira da História da Ciência*, Rio de Janeiro, 1996, v.2, n.1, pp. 71-80.

STEIN, E. *La struttura della persona umana*, (trad.italiana). Roma: Città Nuova, 2002.

Notas

¹ Giard, L. *Les jésuites à la Renaissance, Système éducatif et production du savoir*, Bibliothèque d'Histoire des Sciences, Paris, Press Universitaires de France, 1995.

² MASSIMI, M. Aspectos da pedagogia jesuítica no Brasil do século XVII. *Cadernos de Ciências aplicadas*. 1, 1997a, pp. 23-24.

³ Massimi, M., Mahfoud, M. Silva, P.J. C., Avanci, S.H.S Navegadores, Colonos, Missionários: estrangeiros na Terra de Santa Cruz, (um estudo psicológico da correspondência epistolar, São Paulo, Editora Loyola, 1997.

⁴ Massimi, M. Conhecimentos acerca do Homem e de sua Subjetividade no Brasil Colonial, *QUIPU: Revista Latino Americana de Historia de las Ciencias y la Tecnologia*, México, 1990b, v.7, n.2, pp. 233-257; Massimi, M. Representações acerca dos índios brasileiros em documentos jesuítas do século XVI. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*. Belo Horizonte, vol.5, 2003a, pp. 70-87; Massimi, M. La psicologia dei gesuiti nella prima colonizzazione degli indios. *Nuove tendenze della Psicologia*. Trento (Italia), v.1, n.3, pp. 381-394, 2003b.

⁵ MASSIMI, M. & MAHFOUD, M. L'avventura dell'alterità. Il processo di conoscenza della realtà sociale nel Brasile del Sedicesimo secolo, *Euntes Docete. Commentaria Urbaniana*, Roma, a. XLVII, 1994, n.3, pp. 311-342.

⁶ Stein, E. *La struttura della persona umana*, (trad.italiana). Roma: Città Nuova, 2002.

⁷ Idem, ibidem, p. 58.

⁸ Rioux, J.P. e Sirinelli, J. F, *Pour une histoire culturelle*, Paris, Seuil, 1997, p. 145

⁹ Massimi, M. A psicologia dos jesuítas: Uma contribuição à História das Idéias Psicológicas. *Psicologia: Reflexão e crítica*. Porto Alegre, , v.14, n. 9, 2002e, pp. 625-633.

¹⁰ Delumeau, J. *História do medo no Ocidente* (1978), São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

¹¹ Massimi, M. ,*História da Psicologia Brasileira*,São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1990a; Massimi, M. Os afetos do coração na história da cultura brasileira (do século XVI ao século XVII). *Temas de Psicologia*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 2000b, v. 8, pp. 155-162.

¹² Massimi, M. & Silva, P. J. C. *Os olhos vêem pelo coração: Conhecimento psicológico das paixões na história da cultura brasileira dos séculos XVI a XVII*. (Organizado em co-autoria com Silva, P.J.C.). Ribeirão Preto, Editora Holos-Fapesp. 2001b.

¹³ Massimi, M.. A teoria dos temperamentos na literatura jesuítica nos séculos XVI e XVII. *Atalaia Intermundos Revista Internacional de Exegese Contemporânea*. Lisboa, 2000a, v.6-7, pp. 223-236; Massimi, M. A psicologia dos jesuítas: Uma contribuição à História das Idéias Psicológicas. *Psicologia: Reflexão e crítica*. Porto Alegre, , v.14, n. 9, 2002e, pp. 625-633.

¹⁴ Idem, ibidem.

¹⁵ Massimi, M. & Prudente, A.B. *Um encendido desejo das Índias*. Em co-autoria com Prudente, A. B. São Paulo, Edições Loyola, 2002c, 111 pp; Sousa, L.V. & Massimi, M. Il desiderio dell'Oltremare nelle *Litterae Indipetae*: le condizioni psicologiche per l'azione nella narrativa di giovani gesuiti del sedicesimo secolo. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*. Belo Horizonte, v.3, 2002b, pp. 1-17; Leal, M. & B. Massimi, M. Releituras da Indiferença: um estudo baseado em cartas jesuíticas dos séculos XVI e XVII. *Paideia: Cadernos de Psicologia e Educação*. Ribeirão Preto, v.15, n. 31, 2005, pp. 156-206; Pacheco P. R. A. & Massimi, M. & O conhecimento de si nas *Litterae Indipetae*. *Estudos de Psicologia*. Vol.10, n. 3, 2005, pp. 345-354.

¹⁶ Massimi, M.. A teoria dos temperamentos na literatura jesuítica nos séculos XVI e XVII. *Atalaia Intermundos Revista Internacional de Exegese Contemporânea*. Lisboa, 2000a, v.6-7, pp. 223-236; Massimi, M. *Il potere e la croce. Colonizzazione e riduzioni dei gesuiti in Brasile*. Milano, Edizioni San Paolo, 2008f, 209 p.

¹⁷ Massimi, M. *Il potere e la croce*. Op cit.

¹⁸ Massimi, M. *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo, Edições Loyola, 2005a.

¹⁹ *Comm. Coninbr. De Anima*, lib.3, cap. 8, q. 8, ^a2.

²⁰ Acerca da *compositio loci* ver o belíssimo livro de Perla Chinchilla Pawling, *De la compositio loci a la República de las letras*, Ciudad de Mexico, Universidad Iberoamericana, El mundo sobre el papel, 2004.

²¹ No caso inaciano, o lugar é o espaço da batalha entre os dois exércitos: o de Cristo e outro de Lúcifer. Gontijo, S. R. & Massimi, M. A persuasão e o dinamismo psíquico em sermões de Antônio Vieira, *Paidéia. Cadernos de Psicologia e educação*. 2007, vol. 17, n. 37, pp. 207-218; Massimi, M. Sentido da história e identidade pessoal e política, na visão de Padre Antônio Vieira. *Cadernos de Psicologia e Educação – Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 11, n. 21, 2001a, pp. 27-34; Massimi, M. & Silva, P. J. C. *Os olhos vêem pelo coração: Conhecimento psicológico das paixões na história da cultura brasileira dos séculos XVI a XVII*. (Organizado em co-autoria com Silva, P.J.C.). Ribeirão Preto, Editora Holos-Fapesp. 2001b, pp. 181; Massimi, M. Enlaces e desenlaces entre mundo luso e mundo brasileiro na oratória sagrada do século XVII: os sermões pregados por Padre Antônio de Sá. *Revista Convergência Lusíada*. Rio de Janeiro, v.19, número especial, 2002a, pp. 318-332; Massimi, M. Identidade, tempo e profecia na visão de Padre Antônio Vieira, *Memorandum: Memória e História em Psicologia*. Belo Horizonte, vol. 01, 2002d, pp. 1-19; Massimi, M. A pregação no Brasil colonial. *Varia História*. Vol.21, n. 34, 2005b, pp. 417-436; Massimi, M. Conhecimento e dinamismo psíquico em dois sermões no Brasil colonial. *Psicologia: Teoria e pesquisa*. Brasília, v.21, n.1, 2005c, pp. 61-67; Massimi, M. Alimentos, palavras

e saúde (da alma e do corpo), em sermões de pregadores brasileiros do século XVII. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 253-270, 2006a.; Massimi, M. A “presença” dos Santos na oratória sagrada do Brasil colonial. *Coletânea Revista do Instituto Teológico do Mosteiro de São Bento*. Rio de Janeiro, ano V, vol. 10, 2006b, pp. 262-286; Massimi, M. Sermões quaresmais e conhecimento de si mesmo. *Interações. Estudos e Pesquisas em Psicologia*. São Paulo, Universidade São Marcos, vol. XI, n. 21, 2006c, pp. 97-120; Massimi, M. Le prediche dei gesuiti in Brasile. Tra Europa e Nuovo Mondo: risorse retoriche ed implicazioni antropologiche. *Annali di Storia Moderna e Contemporanea*. Università Cattolica del Sacro Cuore, Milano, n. 13, 2007a, pp. 281-296; Massimi, M. Palavras e saberes psicológicos na história da cultura brasileira. Em: Vilela, AM.J. e Sato, L. *Diálogos em Psicologia Social*. Porto Alegre: Ebangraf-Abrapso Sul, 2007b, pp. 185-196; Massimi, M. Reflexões sobre a dor em sermões pregados no Brasil no período colonial. Em: *Reflexões sobre a dor* (co-organizadora com Hoffmann A. e Oliveria, L.M.). Ribeirão Preto, Fapesp-São Francisco, 2008a. pp. 91 a 126; Massimi, M. Persuasão e dinamismo psíquico: investigações na história da cultura ocidental. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. . 2008d, vol. 60, n.1, pp. 132-139; Massimi, M. Delectare, movere er docere: retórica e educação no Barroco. *Per Musi*, 2008e, vol. 17. pp. 55-59; Massimi, M. *Il potere e la croce. Colonizzazione e riduzioni dei gesuiti in Brasile*. Milano, Edizioni San Paolo, 2008f, 209 p.

²² Pécora, A *O teatro do sacramento*, São Paulo: Edusp e Unicamp, 1994.

²³ Idem, ibidem, p. 113.

²⁴ Idem.

²⁵ Pimenta, V.D.S. & Massimi, M. A palavra e a imagem na pregação do século XVII: Um sermão de Antônio Vieira. *Psicologia: reflexão e crítica*. Volume 20, n.1, janeiro-abril de 2007, pp. 138-147; Santos, E.F. & Massimi, M. Nossa Senhora das Maravilhas: corpo e alma de uma imagem, *Memorandum: Memória e História em Psicologia*. Belo Horizonte, v.8, 2005, pp. 1-6.; Massimi, M. Palavras e saberes psicológicos na história da cultura brasileira. Em: Vilela, AM.J. e Sato, L. *Diálogos em Psicologia Social*. Porto Alegre: Ebangraf-Abrapso Sul, 2007b, pp. 185-196. Massimi, M. Imagens da natureza e afetos humanos em sermões brasileiros dos séculos XVII e XVIII. Em: Baptista, Ana H. (organizadora). *A Natureza nos Novos Mundos*. Lisboa: Editora Apenas, 2007c, pp. 28-47; Massimi, M. As imagens e sua função no dinamismo anímico dos ouvintes: percursos da oratória sagrada brasileira do século XVI ao XVIII. Marques, L. *A Fábrica do Antigo*. Campinas, Editora Unicamp: pp. 303-328, 2008b; Massimi, M. O uso de imagens verbais no gênero da oratória sagrada na Idade Moderna no Brasil e sua significação na perspectiva da Teologia da época. *Revista Eletrônica: Pontifícia Faculdade de Teologia* <http://www.teologia-assuncao.br/re-eletronica/numeros/n3>, 2008c, pp.1-10.

²⁶ Massimi, M. Representações do sagrado e dinamismo psíquico: algumas contribuições na história das idéias psicológicas. Em: Paiva, G.G. e Zargari, W., *A representação na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, pp. 105-112.